

Dr. Kevin E. Frederick, Valdenses, Aula 4, Uma Distinção Radical, O Papel da Pobreza

© 2024 Kevin Frederick e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão 4, Uma Distinção Radical, O Papel da Pobreza.

O título do sermão é Uma Distinção Radical, e a passagem bíblica que estou escolhendo para este é Atos 4:32 a 37.

Agora, todo o grupo dos que creram era um só coração e uma só alma. Ninguém reivindicava propriedade privada de quaisquer bens, mas tudo o que possuíam era mantido em comum. Com grande poder, os apóstolos deram seu testemunho da ressurreição do Senhor Jesus.

Grande graça estava sobre todos eles. Não havia uma pessoa necessitada entre eles, pois todos os que possuíam terras ou casas as vendiam e traziam o produto daquilo que era vendido. Eles o colocavam aos pés dos apóstolos, e era distribuído a cada um conforme a necessidade.

Havia um levita, natural de Chipre, José, a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé, que significa filho da consolação. Ele vendeu um campo que lhe pertencia, então trouxe o dinheiro e o depositou aos pés dos apóstolos. É a palavra do Senhor.

Graças a Deus. Nas primeiras décadas do movimento cristão, após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, pequenos grupos de crentes começaram a padronizar suas vidas segundo os ensinamentos de Jesus, defendendo um modo de vida comunitário, marcado pelo compartilhamento de todas as posses e recursos e um espírito mútuo de humildade. O escritor bíblico de Lucas-Atos relata que aqueles crentes em Cristo que possuíam terras e casas venderam seus bens e ativos e forneceram seus recursos aos apóstolos, que os distribuíram aos pobres para que ninguém em sua comunidade de fé tivesse necessidade.

Essa resposta comunitária da igreja primitiva foi percebida como viver fielmente pelo chamado ao discipulado cristão em um momento em que a comunidade de fé antecipava o retorno iminente do Senhor. No entanto, à medida que os anos se transformavam em décadas e a segunda vinda de Cristo não havia ocorrido, a adesão fervorosa a esse princípio de recursos compartilhados e vida comunitária foi relaxada nas comunidades cristãs de fé. No século XI, as práticas padrão dentro da igreja a tornaram corrupta e mal liderada.

A autoridade dos oficiais da igreja foi amplamente questionada, tanto dentro da igreja quanto pela população em geral. Durante o reinado do Papa Gregório VII, de

1073 a 1085, essas práticas foram colocadas sob escrutínio, resultando em um sistema abrangente de reformas eclesiásticas chamado de Reforma Gregoriana. Em questão estavam duas práticas primárias de nomeação de liderança da igreja, incluindo investidura leiga, a nomeação de líderes por líderes seculares e também a prática da simonia, a compra de cargos eclesiásticos.

A simonia também era uma prática usada pela igreja para conceder terras a vassalos que tinham pago à igreja pelo uso delas. Tanto a investidura leiga quanto a simonia levaram ao declínio moral da hierarquia da igreja. Sua ineficácia impactou todos os níveis, resultando em uma crescente desconfiança da liderança da igreja pelo resto da sociedade medieval.

Baseando sua decisão na descrição do Evangelho de João de um líder da igreja como pastor em João 10, tanto a investidura leiga quanto a simonia foram proibidas pelo papa na Reforma Gregoriana. Como um meio de garantir a pureza dos ofícios ordenados da igreja, a Reforma Gregoriana exigiu que todos os líderes da igreja fossem celibatários. Como parte de um meio de assegurar a responsabilização do clero, o Papa Gregório encorajou os leigos a serem abertamente críticos das práticas imorais de padres e bispos.

Disso surgiu a crença amplamente disseminada de que todos os sacramentos realizados por simoníacos ou aqueles que foram ordenados por simoníacos eram inválidos e que as reordenações desses mesmos clérigos eram necessárias. O encorajamento do Papa Gregório à prática de criticar a validade de líderes imorais da igreja voltaria para assombrar a igreja romana e prejudicar sua autoridade aos olhos do mundo secular nas gerações que viriam. No início do século XIII, muitos seguidores de Waldo recusariam os sacramentos oferecidos por padres e bispos que haviam demonstrado ter moral questionável.

Essa prática é conhecida como Donatismo. A Reforma Gregoriana pôs em movimento uma crítica à igreja romana, que ganharia força ao longo do século XII d.C. Um número crescente de estudiosos bíblicos treinados pela Igreja Católica Romana também começou a desafiar a prática da igreja de acumular riqueza e posse de propriedades em bases bíblicas e éticas. Uma condenação particular foi um estilo de vida luxuoso adotado pela hierarquia católica, que contrastava fortemente com a pobreza da vasta maioria da população.

Aqueles líderes da igreja que serviram em nome do Senhor, que ele próprio sofreu e morreu pela humanidade, estavam por sua riqueza e gula muito distantes dos ensinamentos de Jesus Cristo e dos sofrimentos das circunstâncias da vida cotidiana de seus paroquianos. Nas primeiras décadas do século XII, Peter Abelard foi um desses estudiosos católicos que começou a levantar essas questões dentro dos círculos de debate acadêmico na igreja. Com base em uma crítica à acumulação de riqueza da igreja e à vida gluttona de seus líderes, conforme articulado por Abelard e

outros estudiosos bíblicos, o surgimento de uma ênfase na vida comunitária dentro do movimento valdense começou.

Em sua segunda década de existência, o pobre Leon e seus viajantes pregadores encontraram outro grupo cristão aberrante conhecido como os Pobres da Lombardia, que focava sua ênfase na vida comunitária e na educação dos leigos. Como dito anteriormente, a hierarquia católica estava entre as mais ricas da Europa do século XII. Acumular riqueza pessoal tendia a promover uma indulgência de uma série de pecados entre os líderes da igreja, incluindo imoralidade sexual, embriaguez e indiferença ao sofrimento de muitos na sociedade.

Consequentemente, ao longo do século XII na Europa Ocidental, uma série de movimentos emergiram em oposição às práticas obscenas e imorais dos líderes da igreja. Esses movimentos opostos incluíam os Petrobuscianos, os Henrykins, os Humiliati, os Arnoldisti e os Cátaros. Em termos gerais, esses movimentos opostos adotaram cada um um voto de pobreza e modelaram suas vidas nos ensinamentos e estilos de vida de Jesus Cristo.

Destes grupos, os Arnoldisti surgiram no século XIII com Waldo e os Pobres de Leon. Os Arnoldistas eram seguidores de um homem acreditado por um estudioso e monge católico romano chamado Arnold de Brescia, uma pequena comunidade lombarda perto de Milão, no norte da Itália. Arnold nasceu em 1090 e foi aluno do grande estudioso Peter Abelard.

Assim como Abelardo era crítico da riqueza acumulada da igreja romana e da imoralidade licenciosa demonstrada por bispos e padres. No entanto, diferentemente de Abelardo, Arnaldo não se contentava em meramente discutir crenças teológicas de forma acadêmica. Como um homem de ação, ele sentia a verdade dentro de seu coração, bem como em sua mente, e praticava e queria que outros praticassem uma vida dominada pelo espírito limpo, purificador e democrático de Cristo.

Arnold rompeu com Abelardo, retornando a Brescia no início da década de 1130, pregando sua mensagem por mais de 20 anos nas regiões urbanas por toda a Lombardia. Ele centrou sua mensagem unificadora nos ensinamentos de Jesus, especialmente encontrados em Mateus 25:31 a 46, em que Jesus exorta seus seguidores a alimentar os pobres, vestir os nus e visitar os doentes. Ele também enfatizou a natureza da vida comunitária cristã em Atos 2:44 a 47 e Atos 4:32 a 37, que descreveu a comunidade cristã se dedicando a compartilhar seus recursos entre toda a comunidade.

Arnold pregou esta mensagem de recursos compartilhados, de cuidar dos menores destes, meus irmãos e irmãs, entre outras reformas morais reveladas nos Atos dos Apóstolos. Ao contrário do uso da Vulgata pela Igreja Católica Romana, a tradução

latina da Bíblia, Arnold disponibilizou a mensagem do Evangelho para seus seguidores no vernáculo. A pregação de Arnold representava uma grande ameaça à Igreja Romana e sua insistência no uso da Vulgata como a única tradução da Bíblia sancionada pela igreja.

Como ele criticava abertamente a Igreja por sua acumulação de riqueza, como ostentado pelo estilo luxuoso de sua hierarquia, Arnold clamou veementemente à Igreja para entregar suas terras eclesiásticas às cidades-estados. Em suas próprias palavras, clérigos que possuem propriedades, bispos que detêm regalias e concessões de terras reais e monges que têm posses não podem ser salvos. Esses desafios provaram ser uma grande ameaça à Igreja Católica Romana.

Consequentemente, Arnold foi condenado como herege, um inimigo da Igreja, e foi queimado na fogueira em Roma em 1155, quase 20 anos antes de Waldo começar seu ministério. Apesar de sua saúde, sua mensagem e as comunidades que o seguiram perduraram na Lombardia. Os Arnoldistas haviam estabelecido comunidades cristãs vibrantes, embora pequenas, que ainda estavam em operação trinta anos depois, quando as viagens itinerantes de Waldo o levaram à região lombarda.

Antes de 1184, as questões de Valdes para a hierarquia da igreja eram pastorais, conflito entre um intercall muito potente para a pobreza missionária e os direitos legais rituais de um clero institucional. Esperava-se que Valdes e seus seguidores submetessem seu zelo à jurisdição de uma hierarquia que não compartilhava sua fervorosa aspiração à pobreza apostólica e seu senso renascido de missão. Em sua recusa em se submeter aos decretos papais, Valdes e seus seguidores permaneceram uma ameaça desenfreada à autoridade da Igreja.

Por causa disso, em 1184, Waldo foi tachado de cismático e banido de Lyon. Em resposta, os seguidores de Waldo adotaram o lema do evangelho de serem enviados em pares para pregar e ensinar o evangelho. Waldo e seus seguidores, companheiros de pregação, viajaram para o leste.

E como dissemos antes, isso era parte das conexões que eles estabeleceram lá na região da Lombardia. Os pobres da Lombardia basearam sua organização nas primeiras comunidades cristãs encontradas em Atos 4 e 5 e em exemplos práticos de ministério articulados nas epístolas de Tiago e na carta de Paulo a Timóteo. Os pobres da Lombardia trouxeram um grau de praticidade e sustentabilidade para seus estilos de vida não encontrados no movimento de Valdo.

O elo comum dos pobres de Lyon e dos pobres da Lombardia era seu comprometimento com uma vida de pobreza, tornando-se discípulos devotados de Jesus Cristo. No ano de 1205, esses dois grupos se filiaram, mas permaneceram distintamente diferentes em seu foco. Enquanto Waldo insistia em um foco

unilateral na pregação e na aceitação de esmolas oferecidas pelo público ouvinte como único meio de sustento, os pobres da Lombardia insistiam em que cada adulto trabalhasse pelo bem-estar de todos na comunidade.

Como resultado, a questão do trabalho era um ponto primário de discórdia entre os dois grupos. Cada membro dos pobres da Lombardia desenvolveu seus próprios ofícios e habilidades para oferecer seus talentos para o bem-estar da comunidade. Em gerações posteriores, ter um ofício viável viria a servir bem aos pregadores valdenses quando a Inquisição os empurrou para o segredo como um meio de sobrevivência.

Durante as primeiras décadas da existência dos pobres de Lyon, um estudioso católico romano que era bem versado no uso do latim se juntou aos pobres de Lyon e forneceu ao movimento a integridade intelectual e o profundo fundamento teológico de que ele precisava. O nome desse estudioso era Durand de Huesca. Sua maior contribuição foi um manuscrito escrito para orientar os pobres de Lyon e seu trabalho missionário de pregação contra os cátaros heréticos no sul da França.

Os cátaros eram um ramo herético do cristianismo, que defendia uma interpretação dualista da natureza de Deus. Eles ensinavam que o Deus do Antigo Testamento era mau e que tudo pertencente ao reino físico era, por natureza, mau. Em contraste, os cátaros acreditavam que o Deus do Novo Testamento era bom.

Os cátaros pregavam que Jesus não poderia ser um ser humano físico porque todos os seres físicos eram, por natureza, maus. Em vez disso, eles acreditavam que Jesus era um ser espiritual que não sofria de fato. As implicações desse sistema de crenças errôneo serão abordadas em um sermão separado em um tratado chamado Liber Antiheresis.

Durand forneceu um esboço teológico altamente desenvolvido e um conjunto de instruções para os pobres de Lyon no Liber Antiheresis para efetivamente combater as crenças errantes dos cátaros e reconquistar a população para a Igreja Mãe. O Liber Antiheresis foi a maior contribuição de Durand para o movimento valdense, fornecendo um foco teológico sólido para o movimento. Este documento foi até mesmo apreciado por muitos padres e bispos católicos romanos como uma ferramenta eficaz na batalha da igreja contra a heresia do catarismo.

No ano seguinte à morte de Waldo em 1206-1207, Durand de Huesca começou a fazer um grande esforço pessoal para reunir os seguidores de Waldo com a Igreja Católica Romana. No entanto, seus esforços para reunir o movimento valdense com a Igreja Católica Mãe acabaram se mostrando malsucedidos. Como resultado da insistência dos seguidores de Waldo em pregar publicamente no vernáculo, a Igreja Católica Romana se recusou a reconhecer o direito dos leigos de pregar e usar uma tradução da Bíblia no vernáculo e excomungou todos os seguidores de Waldo.

Durand de Huesca e vários de seus seguidores eram mais moderados do que os seguidores de Waldo e, portanto, estavam dispostos a se comprometer com Roma. Durand acreditava que a unidade com a Igreja Mãe era de maior valor do que o direito de pregar. Ele e um grupo de seus aliados se reuniram com a Igreja Católica Romana em 1208.

Por um breve período, Durand acreditou ser possível reunificar os pobres de Lyon e os católicos romanos. Mas após tentativas malsucedidas de servir como uma ponte de unificação entre os dois, Durand defendeu o início de um novo movimento dentro da Igreja Católica Romana chamado de Católicos Pobres. Em 1208, o papado aprovou a formação dos Católicos Pobres como um meio de redirecionar a popularidade e o ímpeto dos leigos em direção a um voto de pobreza e longe dos seguidores de Waldo, de volta à Igreja Romana.

Poucos anos após a autorização dos Católicos Pobres pela Igreja Romana, um jovem convertido chamado Francisco de Assis negou sua riqueza familiar e buscou cumprir um chamado ordenado dentro da igreja ao abraçar um voto de pobreza. A hierarquia da igreja viu Francisco de Assis como um recurso confiável por meio do qual integrar os princípios por trás da organização dos Católicos Pobres dentro da igreja maior. Como resultado, o papado escolheu estabelecer uma nova ordem monástica sob a liderança de Francisco de Assis.

Ao adotar muitos dos mesmos princípios desenvolvidos por Waldo e os Arnoldistas, a ordem Franciscana, que começou em 1212, abraçou a pobreza, a humildade e uma vida de servidão dentro de seu grupo. Como os Pobres da Lombardia, os Franciscanos enfatizaram a importância de educar seus seguidores por meio da adoção de um estilo de vida modelado segundo Jesus Cristo. Seria historicamente enganoso sugerir que Francisco de Assis e o movimento Franciscano se modelaram diretamente segundo Waldo e os Pobres de Lyon.

Grande parte da ênfase de Francisco veio de sua própria exploração das escrituras, mas Francisco cresceu na Toscana, onde a mensagem e a influência do movimento de Waldo foram pregadas e amplamente disseminadas. Esse fato, juntamente com o retorno de Durand à igreja-mãe e seu estabelecimento dos Católicos Pobres dentro da igreja romana, criou um terreno fértil para os princípios de uma ordem eclesiástica sancionada, modelada na humanidade sofredora e na pobreza de Jesus, para se firmar dentro da igreja romana. Ainda assim, a igreja resistiu a uma adoção completa da ênfase evangelística liderada por leigos dos Pobres de Lyon.

Há evidências que sugerem que, se não fosse pelo ministério evangelístico amplamente popular e de rápida disseminação dos Pobres de Lyon em seus primeiros 30 anos de existência, a igreja talvez não tivesse criado a Ordem dos Franciscanos. Foi precisamente porque os Pobres de Lyon e os Pobres da Lombardia,

depreciativamente chamados pelos inquisidores católicos romanos de valdenses, estavam teologicamente alinhados de perto com muitas das crenças centrais da igreja católica romana que seus esforços de evangelismo tiveram um impacto muito maior no público do que em qualquer um dos movimentos religiosos contemporâneos. O impacto generalizado de sua mensagem de fé cristã se tornou a razão predominante pela qual os católicos romanos buscaram destruir os seguidores de Valdo.

Um inquisidor eclesiástico anônimo, mas bem informado, alegou em um tratado composto pela primeira vez na década de 1260 que os valdenses eram os mais perigosos de todos os grupos heréticos enfrentados pela igreja. Essa proclamação, abraçada pela hierarquia da igreja, foi devido a várias razões, incluindo a aceitação generalizada e muito popular da mensagem, a crítica dos líderes da igreja que acumulavam riqueza e o fato de que os Pobres de Lyon aderiram a todas as crenças teológicas da igreja romana — finalmente, a eficácia de sua pregação simples na língua do povo em vez do latim.

Vale a pena notar que dentro de 50 anos após Waldo começar seu movimento em Lyon, a igreja católica romana respondeu ao chamado de Waldo para pregar a Palavra de Deus em ambientes públicos criando sua própria ordem oficial, os Dominicanos Dedicados à Proclamação da Palavra, chamada *Ordo Praedicatorum*. A segunda ênfase, como mencionado anteriormente, foi a criação da ordem franciscana dedicada a confessar a pobreza. Mas havia uma diferença crucial entre a igreja católica do início do século XIII e os valdenses, conforme eles abordavam esses dois elementos fundamentais do ministério.

Inicialmente, a igreja católica manteve a ênfase religiosa na proclamação e na pobreza separadas, atribuindo a proclamação da Palavra de Deus no vernáculo inicialmente aos dominicanos e aos beneditinos, enquanto a ênfase religiosa no voto de pobreza foi adotada pelos franciscanos. Deve-se reconhecer que os valdenses foram o primeiro ministério cristão organizado onde esses dois elementos foram integrados e incorporados no modelo de liderança. Essa distinção de separação permitiu que a igreja católica romana mantivesse sua riqueza protegida e incontestada, diminuindo a integridade da mensagem do evangelho ao deixar de reconhecer a ameaça que a lealdade cega à riqueza e à propriedade trazia ao testemunho cristão da igreja romana.

Foi o Cristo pobre servindo como discípulos de Jesus Cristo que viveram uma vida integrada de pregação itinerante e pobreza, cuja popularidade crescente o papado não podia mais ignorar, que fez com que a igreja estabelecesse um conjunto de ordens católicas onde tanto a pobreza quanto a pregação eram integradas. Na década de 1220, com a organização papal da *Ordo Praedicatorum*, o estabelecimento das ordens de pregação católica autorizou franciscanos, beneditinos e dominicanos a abraçar um voto de pobreza e pregar na língua do povo. E, no

entanto, a vasta maioria dos padres e bispos não eram devotados a essas ordens sagradas e não estavam vinculados a elas.

Levaria mais 300 anos até que uma ênfase integrativa na integridade da mensagem e estilo de vida de líderes cristãos ordenados emergisse além da influência limitada dessas três ordens católicas e do movimento valdense na Europa Ocidental. Isso só ocorreu com Martinho Lutero e a Reforma Protestante no início do século XVI. Finalmente, vale a pena notar que as origens de um foco na pobreza e humildade de Cristo podem ser rastreadas visualmente na arte cristã que foi produzida nessa era do tempo.

Antes do século XIII, a ênfase cristológica visual dominante comunicada pela Igreja Católica Romana sobre a natureza de Jesus Cristo era a de Pantocrator, o Cristo ressuscitado como Senhor do universo. Cristo como Pantocrator era simbolizado com uma preponderância de ouro e tinta branca que comunicava a presença poderosa e triunfal de um Senhor ressuscitado como uma imagem do reino universal de Cristo. Essa ênfase em Cristo como Senhor sobre todas as nações e a criação mudou dramaticamente com os desafios sociais e eclesiais direcionados contra a riqueza e o poder da igreja no século XIII.

Com o crescimento e ascensão do movimento franciscano na igreja romana em meados do século XIII, os franciscanos trouxeram a humanidade e o sofrimento de Jesus para a vanguarda das artes visuais dentro da igreja católica. Como resultado, grande parte da interpretação artística da igreja católica romana dedicada ao tema de Jesus Cristo daquele ponto em diante começou a enfatizar a humanidade e a natureza sofredora de Jesus. A ênfase no crucifixo, a imagem do Jesus sofredor em uma cruz, foi uma contribuição significativa do movimento franciscano para o catolicismo romano.

Durante essa era de tempo, essa atenção à humanidade de Jesus também impactou a ênfase da igreja na adoração corporativa e foi desenvolvida na criação de recursos litúrgicos e documentos teológicos dedicados à cristologia católica. Ao longo da história, os críticos da igreja, tanto de dentro quanto de fora da fé cristã, fizeram muito para redirecionar o foco para os fundamentos da fé. Waldo, Arnold e Francis of Assisi ajudaram a preservar a ênfase teológica essencial da fé cristã, desafiando a igreja.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Este é o Dr. Kevin Frederick em seu ensinamento sobre a história dos valdenses. Esta é a sessão 4, Uma Distinção Radical, O Papel da Pobreza.